



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Juliana Naime Ferrari

A Guardiã de Desterro: histórias do Morro do Mocotó

Florianópolis

2023

Juliana Naime Ferrari

A Guardiã de Desterro: histórias do Morro do Mocotó

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de Curso, professor Fernando Crocomo

Orientador: Prof. Valentina da Silva Nunes, Dr.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferrari, Juliana Naime

A Guardiã de Desterro : histórias do Morro do Mocotô /
Juliana Naime Ferrari ; orientadora, Valentina Da Silva
Silva, 2023.

125 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Literário. 3. Livro
reportagem. 4. Jornalismo Comunitário. 5. Morro do Mocotô.
I. Silva, Valentina Da Silva . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Juliana Naime Ferrari

A Guardiã de Desterro: histórias do Morro do Mocotó

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 07 de março de 2023.

Prof^a Valentina da Silva Nunes, Dra.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Valentina da Silva Nunes, Dra.
Orientador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Leslie Sedrez Chaves, Dra.
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a Stefanie Carlan da Silveira, Dra.
Avaliador(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à comunidade do Morro do Mocotó,
aos moradores da Ilha da Magia e à história de Florianópolis.

AGRADECIMENTOS

O meu livro favorito se chama *Um teto todo seu*, da escritora britânica Virginia Woolf. Nesse texto, ela discute sobre a necessidade das mulheres de conquistarem seus espaços na literatura. Viver em um planeta patriarcal e misógino, principalmente nos anos de 1920, quando ela escrevia, significa precisar batalhar muito para a conquista e o reconhecimento profissional como mulher. Mas Virginia foi além. Em uma época em que as mulheres não eram donas dos seus próprios pensamentos, muito menos do seu dinheiro, porque a sua herança intelectual e monetária pertencia aos seus maridos, ela provoca uma reflexão durante seu texto, em cima de uma crítica que um cronista homem publicou, em que ele dizia que William Shakespeare nunca poderia ter sido mulher, porque nós, mulheres, somos incapazes intelectualmente para tal. Virginia relata que realmente não haveria de ser, pois, enquanto William era livre para ler seus livros, sair de casa e se mudar para Londres, escrever peças e mais peças, começar a produzir espetáculos, se ele tivesse uma irmã, ela estaria ainda no campo, sendo educada para cuidar da casa e dos filhos, para ser uma boa esposa e cumprir com um papel único ao qual os homens a aprisionariam. Não tendo acessos e passabilidades que somente homens, até hoje, possuem. Portanto, durante todo o livro, Virginia fala sobre a necessidade de cada mulher ter um teto todo seu, onde possa descansar e elaborar seus livros, onde possa viver como bem quer sendo livre de corpo, alma e mente. E para mim, que estava também passando por um processo de concentração e dedicação para escrita do meu próprio livro, percebi o quanto termos um teto todo nosso, um espaço, um salário, um aconchego, uma liberdade, é essencial e faz total diferença na qualidade da nossa escrita e na saúde mental como escritora.

Assim, é com muita emoção que posso dizer que possuo não só um teto, mas quartos todos meus. E esses espaços não são somente físicos. Por ser alguém muito calorosa, preciso estar rodeada não só de condições financeiras e de saúde, mas de apoio e torcida. Como escrevi no livro, me considero uma pessoa apaixonada por pessoas. Consequentemente e com muita sorte, sou cercada pelas mais preciosas, e este trabalho só foi possível por conta delas. E dessas muitas, algumas já agradei ao fim do livro em formato de carta e, apesar de querer deixar este espaço especialmente para outros amores que eu ainda não tive a oportunidade de verbalizar a minha gratidão, gostaria de, mesmo assim, reiterar meu agradecimento pelo carinho e a paciência que recebi de todos os professores e doutores entrevistados. E pela galera da Casa da Memória que me acolheu por duas tardes de muita troca e leveza. Com

muito zelo e cuidado, se atentaram à minha ideia que, de primeira vista, parecia tão abstrata mas até que possível, e responderam às perguntas das mais específicas às mais mirabolantes e inimagináveis. Aos moradores, nascidos e criados pelo Morro do Mocotó, meu eterno agradecimento será para vocês que, mesmo atravessando passados dolorosos da memória, me confiaram suas histórias mais preciosas e se expuseram ao meu trabalho com muito respeito e compromisso. O Morro do Mocotó será sempre um local em que me sinto em casa e em família, por causa de vocês.

Agora, não seria possível passar por tantos processos deste trabalho sem o apoio de uma lista admirável de pessoas que convivem constantemente comigo e estiveram ao meu redor desde as inseguranças e questionamentos mais difíceis, até às alegrias e conquistas que obtive durante meu processo de escrita. À minha família de Porto Alegre, obrigada pela torcida e pelo apoio incansável de sempre. Sou bisneta e neta de professores. Sobrinha de professores. Filha de uma professora que me inspirou, desde quando me conheço por gente, a ler livros. Minha mãe, Lucia, é apaixonada por cinema, arte, cultura, livrarias e histórias. Obrigada, mãe, por sentar nos restaurantes e observar as pessoas comigo. Obrigada por imaginar o que passa na vida de cada uma delas enquanto partilhamos um momento sozinhas. A tua curiosidade e o amor pelas páginas, me fez ser uma dedicada amante delas também. Ao meu pai, Marcelo, meu eterno primeiro contador de histórias, quem me ensinou que às vezes uma formiga e um cachorro podem ser nossa família, foi com quem aprendi a olhar o óbvio e encontrar o lúdico. A perceber que sempre há uma outra história por trás do dito. E, principalmente, que sempre haverá histórias para serem escritas, sejam elas da Fifi e do Bidu, ou de muitas outras vidas. Com eles, meus pais, pude me tornar alguém apaixonada por pessoas e histórias, sem medo de percorrer os caminhos da literatura porque, sempre, em todos os meus percalços, tive onde cair e repousar. Ao meu irmão, Lucas, meu maior ouvinte e melhor conselheiro, este trabalho foi possível porque sempre tive em ti uma conversa e um desabafo. Fostes e sempre serás meu primeiro melhor amigo, com quem posso analisar e criticar a vida, mas também, com quem compartilho dos momentos mais gostosos e leves que ela também nos presenteia. À minha cunhada, Débora, agradeço pelas conversas profundas e pelos ensinamentos. Contigo sempre encontrei um ambiente seguro para errar e debater sobre assuntos de responsabilidade social que, com certeza, formaram em algum lugar a jornalista que me tornei hoje. Aos meus avós, encarnados ou não, os maiores contadores de histórias que já conheci, que adoram falar sobre as suas lembranças de uma época nem tão distante assim e me passar sua sabedoria, sei que do lugar em que sempre estiveram ao me apoiar e me

abençoar, a torcida de vocês foi a mais vibrante. Este trabalho também é, de alguma forma, uma grande dedicatória a vocês. Obrigada.

Aos meus amigos, consegui escrever porque em vocês encontro minha paz, meu aconchego e minha alegria. Como sempre digo, vocês são a família que escolhi para a vida. E posso ficar dias e dias agradecendo a todos, inclusive, posso, talvez, ser injusta em algum momento, mas decidi nomear alguns de vocês aqui. À Virgínia, Alice, Letícia e Mariana, minha fortalecida irmandade, minhas grandes amigas que sempre atenderam com pressa e carinho as minhas inseguranças e ansiedades e que, com muita gritaria e felicidade, foram minhas torcedoras de camarote. Jéssica e Stefanie, que desde a primeira vez que falei sobre a minha ideia de TCC, já estavam curiosas para leitura, obrigada por alcançarem minhas ideias. Ao meu primo-irmão Carlos Henrique e meus queridos Carlos Alfredo e Murillo, pela paciência e pelos abraços apertados, físicos ou virtuais, que vocês me aconchegaram. Júlia, minha escritora favorita, em teus textos e na tua sensibilidade pude encontrar um colo e uma inspiração. À Vitória, com quem escrevi pela primeira vez o perfil da Luiza e do Paulo que me levou até aqui, alguém que reencontrei depois de uma década quando estudamos juntas na pré-escola. Por mais que tenha encontrado muitas pessoas durante meu percurso da faculdade, dentro do jornalismo e fora, queria também agradecer à minha família mais antiga. Às minhas eternas irmãs do coração e por quem sempre vou me retratar desta forma, Marina, Camila e Lívia, vocês são o significado do que é alguém te olhar no fundo dos olhos e te conhecer por inteiro.

Acredito profundamente que, em momentos de aprendizado e dificuldade, a vida nos envia pessoas brilhantes. Por muitas vezes tive que me segurar às minhas queridas Maristela, Zuca e Sheila, minhas chefes-amigas da Rádio UDESC, em um abraço e orientação. À minha orientadora e professora, Valentina, que em nenhum momento interveio na maneira em que eu imaginava este trabalho e, mesmo sendo um processo desafiador, agarrou com força e determinação a minha orientação por esta estrada que percorremos juntas até aqui. Tati, minha fisioterapeuta e professora de pilates, que cuidou da minha saúde física, mental e emocional, me fazendo respirar e confiar em mim de novo, de novo, e de novo. A vocês, mulheres inspiradoras que me apoiaram neste percurso, meu muito obrigada.

Sou grata a todos vocês por aceitarem a pessoa que eu sou e por, sem obrigação alguma, me amarem gratuita e espontaneamente. Sou alguém muito sortuda que tem muitos amigos e muitas pessoas que me influenciam na vida e, por isso, a grande dificuldade de listar todos aqui. Tenho muitos abraços e muitos ouvintes. Tenho muitos conselheiros e muitos

amores. Na minha família e na família que formei durante a vida, é onde encontro minha paz e meu sossego para poder percorrer meus caminhos profissionais fora da vida pessoal. Mas, sempre, de alguma forma, levando todos vocês junto comigo. Em cada uma dessas páginas, tem vocês em alguma vírgula. Num aconselhamento, num puxão de orelha, num desabafo, num dia em que a responsabilidade de vocês era simplesmente ficarem quietos e me ouvirem falar sobre o livro, ou então, quando eu pedia para que me distraíssem a todo custo. Além destes amores que me guiam fisicamente pela vida, tenho a sorte de ter os melhores passarinhos verdes do mundo caminhando comigo. Se este livro é hoje um material palpável e se nestas páginas se encontram muita história, ancestralidade, sabedoria, experiência, cultura, riqueza e amor, é também devido aos meus muitos protetores que me guiam pela vida e me intuíram a escrever esse livro. A vocês, de onde se encontram, muito obrigada.

Preciso dizer que várias das minhas metas de vida só poderão ser alcançadas graças à estrutura, ao espaço e à dedicação da Universidade Federal de Santa Catarina e, em especial, aos meus queridos professores e técnicos do Departamento de Jornalismo, por dedicarem as suas vidas a formar novos profissionais, com ética, compromisso e acolhimento. Ao projeto de extensão ‘Jornalismo e Ação Comunitária’ que revoluciona os corredores desta faculdade que, ainda e espero que por pouco tempo, é muito elitista. Às professoras Melina e Leslie, quem me confiaram o cargo de monitora da disciplina de Jornalismo Comunitário, mesmo sem as devidas experiências, e que, sem imaginarem, acabaram por mudar a minha vida e meu percurso como profissional. Tenho certeza de que nenhum encontro dentro do abençoado território desta universidade pública, independente e gratuita, que tanto amamos, foi em vão. Aprendi cedo que a quem precisar encontrar, a UFSC sempre irá te apresentar. Seja em um projeto profissional ou em um corredor e fila de forma esporádica. Há uma magia e uma energia que percorrem esse lugar tão rico em ensino e conhecimento. Aprendi com todos e seguirei aprendendo. À UFSC, meu eterno obrigada pela casa e o lar que fostes nesses últimos quatro anos.

Por fim, gostaria de deixar aqui meu recado especial para dois serezinhos que também me acolhem e me amam como sou: a minha cachorra Aisha e a minha gata Morgana. Foram muitos os dias em que abracei vocês com força na esperança de que minhas angústias passassem e algum sinal divino me encaminhasse para a luz no fim do túnel. E tenho plena consciência que nossa relação tem muitas mais exigências e necessidades minhas, do que de vocês, peludas. Sei que eu preciso muito mais delas do que elas de mim. Às minhas manas de quatro patas, um fungado na orelha e um beijo no pescoço.

Como é possível ver e, ainda para quem me conhece, sou extremamente espaçosa. Repleta de tetos, quartos e salas inteiras. Então, a todos vocês que são minha casa e meu aconchego, meu muito obrigada. Este livro também é para vocês.

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente,
somos habitados por uma memória”

(Texto “Palavras para uma Cidade”
do livro *O Caderno*, de José Saramago)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso conta a história do Morro do Mocotó, uma das primeiras comunidades da capital de Santa Catarina, Florianópolis, através de um livro-reportagem literário que traça um panorama histórico dos primeiros registros sobre o território e a cidade. Reconstruindo as histórias do morro pela sua própria voz, personificada na reportagem literária como uma entidade “Morro do Mocotó”, que conversa com a autora, e costurando os capítulos com perfis de moradores da comunidade. Ao resgatar e escrever sobre a origem do morro, se conta sobre o patrimônio histórico de Florianópolis, e, ao imaginar o que o morro pensa e sente, é possível imaginar o que ela quer, precisa e deve falar.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Jornalismo Comunitário; Livro-reportagem.

ABSTRACT

This Final Paper tells the story of Morro do Mocotó, one of the firsts communities of the capitol of Santa Catarina State, Florianópolis, throughout a literary volume that faces the firsts historical backgrounds records of the city and its territory. Reviving the stories of the place in its own voice, personified in this literary report as an entity-character “Morro do Mocotó” that talks to the author, while the chapters are getting involved with the profiles of the local residents. While recovering and writing about the origins and the background of the community, it's written about the historical heritage of Florianópolis, and, as it's possible to imagine what the locality would think and feel, it is possible to imagine what she wants, needs and might speak about.

Keywords: Literary Journalism; Communitary Journalism; Reportage-book.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS	18
1.1.1 Objetivo Geral	18
1.1.2 Objetivos Específicos	18
2 DESENVOLVIMENTO	19
2.1 FORMATAÇÃO TEXTUAL	22
2.2 METODOLOGIA	25
3 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O Morro do Mocotó é uma das comunidades mais antigas da cidade de Florianópolis/SC e está localizado no centro da capital, em cima do túnel Antonieta de Barros, que dá acesso ao sul da Ilha. Foi um local de passagem e também de estadia para a vida toda para diversas pessoas, como, por exemplo, ainda no século passado, quando operários vieram à capital para construir a Ponte Hercílio Luz e costumavam habitar nesse período a região do Morro do Mocotó. Não existe ao certo uma confirmação de quem foram seus primeiríssimos moradores e o porquê de a comunidade ser chamada desta forma. Alguns acreditam que ficou assim apelidada porque havia um morador no morro que fazia festas todos os anos e cozinhava mocotó para todo o morro, recebendo muitas pessoas de fora da região que vinham para a festa. E, portanto, costumavam dizer: “Ah, lá no morro que tem mocotó. O morro do mocotó”. Já outros dizem que foi chamado assim porque as antigas moradoras cozinhavam e vendiam para os operários da ponte o prato mocotó. Esta receita utiliza as patas dos animais carneados que não eram aproveitadas pelos senhores de engenho. As mulheres africanas escravizadas que trabalhavam nas cozinhas criaram o prato que foi de consumo pela maioria da população preta e escravizada no sul do Brasil, nos tempos não abolicionistas do Rio Grande do Sul¹.

Mas antes deste apelido, a região foi nomeada como Morro do Governador. O historiador e professor Reinaldo Lohn e o geógrafo e professor Orlando Ferretti, entrevistados para este trabalho, contam que antigamente na região onde hoje fica o Morro do Mocotó havia uma grande nascente que abastecia água para os moradores do centro da cidade, e que, por isso, na época, o governo tomou o controle do local, sendo hoje partilhado junto do Hospital da Guarnição e do Imperial Hospital de Caridade, uma região que fica entre o Largo da 13, na altura da Rua Treze de Maio, e o Menino Deus, uma das primeiras ruas da região que acessa o Imperial Hospital de Caridade.

O Morro do Mocotó tem um história de transformação desde seu princípio como sendo uma referência de acolhimento para diversos moradores tanto da região de Florianópolis, como de fora da cidade que já viveram em suas terras e, da mesma forma, como base do serviço e da mão de obra da cidade. No século XIX, o local onde hoje se encontra o Morro do Mocotó foi utilizado para plantio de algodão, café e mandioca. No século XX, como moradia para pessoas mais pobres e também sua primeira população de

¹ Informação consta da reportagem do portal Gazeta do Povo: <https://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/receita-quibebe-e-mocoto/> Acesso em 2 de julho/2022.

escravizados livres e fugidos, que provavelmente acabaram vivendo nesta localidade porque foram abandonados pelo Estado e pela falta de políticas públicas no pós-abolição, sem terra e emprego, como aconteceu em boa parte do país². Havia na região a criação de bodes e cabras e mais ao topo, eram feitas as queimadas de lenha. Por isso, há diversas microrregiões dentro da própria comunidade, conhecidas pelos moradores por sua própria história, sendo, inclusive, para alguns habitantes da comunidade, algo separado. Por exemplo, acima do túnel Antonieta de Barros, é a região do Morro do Bode. No topo da montanha fica o Morro da Queimada. Atrás, entre a comunidade do José Mendes e a Queimada, há uma formação da montanha quase como um vale, conhecida como Morro da Buraca, por claramente ser um “buraco”. Há também a prainha, o penhasco, a região da 13 etc. Muitos moradores consideram que o Morro do Mocotó é todo o complexo destas microrregiões, já outros, separam a região central do Morro do Mocotó - da rua 13 de maio até os hospitais - do resto da comunidade, considerando como diferentes bairros.

Justamente por ser uma região do governo, para não ter problemas com os donos das grandes fazendas que formavam os bairros do José Mendes e Saco dos Limões, como são conhecidos hoje, o próprio Estado incentivou que a população ficasse nesta região. De acordo com o que relembra a professora e historiadora Ana Luiza Andrade e o professor e geógrafo Eduardo de Souza, também entrevistados para este trabalho, era de interesse da burguesia e da nobreza branca que habitava o centro da cidade manter a população pobre e preta não tão longe, para que conseguissem ir trabalhar a pé, mas também não tão perto, para que fosse possível a “higienização” de Nossa Senhora do Desterro, que foi nada mais nada menos que um processo de controle social e racial a partir de uma teoria eugenista sob os corpos pretos, pobres e, conseqüentemente, através das suas ferramentas de distanciamento, periféricos. Um movimento alimentado, inclusive, pela medicina.

“Nesse contexto teorias higiênicas e eugenistas foram essenciais para que a instituição médica passasse a exercer um grande controle da população, seja nas grandes campanhas sanitárias e programas de controle populacional, seja nas teorias raciais da eugenia, argumento cientificista que por muito tempo sustentou perversidades racistas” (PICHETTI, 2020).

A ocupação da região periférica do centro de Florianópolis, onde hoje se encontra a comunidade, se deu principalmente por princípios econômicos, raciais e sociais. A parte

² Trecho explicativo deste período histórico no documentário “O Enigma da Energia Escura”, transmitido pelo canal GNT e interpretado por Emicida. 2021.

urbana e plana da cidade era cara e habitada por brancos. Sobrando, assim, os morros à população de maioria preta e pobre da capital de Santa Catarina. Foi uma região responsável pela fundação da cidade ao doar seus frutos e terras para quem não tinha casa nem comida, possibilitando a sobrevivência dos moradores que representavam boa parte da mão de obra da cidade. E, conseqüentemente, sendo moradia para pessoas de outras localidades que não tinham condição de morar em outros lugares da cidade.

Dessa forma, este Trabalho de Conclusão de Curso tem o intuito de resgatar a história do Morro do Mocotó dando voz a quem nunca é ouvido: o próprio morro. De uma forma literária, nesta reportagem o morro é uma entidade que conversa com a escritora e conta sua própria história e formação, “evoluindo” na cronologia e nos seus maiores impactos durante os séculos, até chegar aos tempos atuais, em que muitas vivências são resgatadas através da história de vida de seus moradores, contadas através dos perfis.

De maneira a compreender a importância do Morro do Mocotó para a história cultural, econômica, racial e social da capital de Santa Catarina, há uma urgência em se escutar a voz de uma das principais regiões do centro de Florianópolis, de maneira que ela própria conte sua história e seja ouvida. E justamente por entender a importância desta voz é que há um personagem que representa esta comunidade e fala por ela mesma. Esta é uma região que sofreu e sofre com assassinatos e invasões policiais constantemente. No último ano de 2021, a comunidade viveu lutos atrás de lutos. Há a necessidade de se conhecer a história desta comunidade e não haveria nada mais digno que devolver o “microfone” da história para seu próprio autor contá-la. Ou seja, ao perceber a necessidade de explorar o que já se conhece da história do Morro do Mocotó através da personificação dele mesmo e de seus moradores, que convivem nele desde que nasceram e conhecem cada esquina e beco. Desta forma, esta reportagem reconstruiu a jornada desta região e comunidade até aqui, ao honrar sua grandeza natural, seu impacto econômico e social e o seu crescimento, seja populacional - pela ocupação da comunidade pelos moradores da cidade -, ou seja físico - da formação da sua própria natureza e seus ciclos, sendo o berçário da mata que ainda resta na região e guardião de um símbolo de resistência social, até ao desmatamento e os impactos sentidos pelos constantes aterros no último século.

Por conta disso, a melhor forma encontrada por mim para reconstruir o Morro do Mocotó através das palavras de uma reportagem foi fazê-la de forma lúdica e literária. Ao imaginar o que o morro pensa e sente, é possível imaginar o que ele quer, precisa e deve falar.

Uma iniciativa pensada a partir de uma inspiração e provocação muito partilhadas com os sentimentos de João do Rio, em “A Rua”:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia - o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos se passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua. (RIO, 1997)

Desde que comecei a me envolver com as histórias do *Moca*, apelido carinhoso dado pelos seus moradores, como estudante durante a graduação em jornalismo, passei a perceber o quanto as vivências desta comunidade não são contadas e as pessoas não são ouvidas. Pelo contrário, são muitas vezes julgadas pela mídia florianopolitana sem mesmo terem apurado o que acontece nas ruelas da comunidade. Como, por exemplo, neste ao vivo³ da NDTV, quando um jovem morador do morro é assassinado pela polícia à luz do dia e o repórter não subiu à comunidade para fazer uma apuração e compreender o que aconteceu. Pelo contrário, as vozes que aparecem na reportagem são as de policiais e de pareceres publicados em relatórios das operações. Já a cobertura⁴ feita pelo estudante de jornalismo da UFSC, Rodrigo Barbosa, para o portal de notícias *Cotidiano UFSC*, sobre a morte de um adolescente na Costeira do Pirajubaé, humaniza os acontecimentos e escuta a população em luto que foi invadida.

Por mais centrada que esteja localizada, a favela é excluída e distanciada do resto dos bairros nobres vizinhos que comportam uma classe tradicional da cidade de elite branca e rica. Portanto, este trabalho teve também uma justificativa social e racial de tentar cumprir com estas falhas da mídia e da história de Santa Catarina ao vender uma imagem branca da população de Florianópolis, enquanto, seu maior cartão postal, por exemplo, foi construído e assistido por uma comunidade preta que resiste até hoje.

³ Vídeo da cobertura ao vivo do programa Balanço Geral, da NDTV: https://www.youtube.com/watch?v=oGxwraXBvkY&ab_channel=Balan%C3%A7oGeralFlorian%C3%B3polis Acesso em 21 de julho/2022.

⁴ Reportagem do Cotidiano UFSC: <https://cotidiano.sites.ufsc.br/a-ultima-viagem-do-trem-da-costeira/> Acesso em 21 de julho/2022.

Ao mesmo tempo em que a reportagem reconstrói, aos poucos, parte da comunidade e de sua vivência por meio da sua própria fala, foi de muita importância criar este diálogo lúdico e imaginar a relação do leitor com essa personagem [comumente nomeada como *Moca* pelos cidadãos que já a têm com intimidade], viabilizando uma maior empatia e representatividade deste lugar. Imaginando e sentindo. Verbalizando o morro. Pois, quem sabe mais do morro do que o próprio morro?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Problematizar, através de um livro-reportagem, os aspectos históricos e geográficos do Morro do Mocotó a partir da criação de uma personagem entidade “Morro do Mocotó”, que personifica esta comunidade destacando sua importância econômica e cultural para Florianópolis/SC. O TCC deve ser avaliado somente pela perspectiva textual de grande reportagem literária e não pela possível diagramação do livro.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Através dos personagens, identificar os principais traços de personalidade desta região e desta comunidade;
- Compreender a formação do Morro do Mocotó [desde vegetação, formação rochosa, perspectiva socioeconômica, cultural e racial, além da ocupação e urbanização];
- Através do jornalismo literário, criar uma relação íntima e lúdica dos personagens “autora” e “Morro do Mocotó” a ponto de transmitir representatividade, identidade e empatia para o leitor;
- Contar a história do Morro do Mocotó e da sua comunidade e moradores, enquanto retoma a história da formação da própria cidade de Florianópolis.

2 DESENVOLVIMENTO

Antes mesmo de começar a escrevê-lo, o que primeiramente deu origem a esta produção foi uma pergunta que constantemente fazia a mim mesma: e se o morro, real e fisicamente, tivesse uma voz? Esta provocação se deu a partir de vários questionamentos que obtive durante minhas experiências pessoais e profissionais no curso de jornalismo. Ela se deu, primeiramente, porque comumente faz-se alusões à profissão do jornalista como um profissional que ‘dá voz’ à população e, apesar deste termo vir sendo desconstruído ao entendermos e estudarmos aprofundadamente a subjetividade e a verdade jornalística, e ainda, o protagonismo popular como soberano ao que diz, fala e faz o repórter, há ainda uma tendência de substituir frases como essas para ‘o jornalismo não dá a voz, ele dá o espaço’. Será que dá mesmo? E se dá, é para quem? Essas perguntas permearam minha cabeça até porque, quando há oportunidade e justificativa de se abrir uma conversa franca com a comunidade e seus moradores, como exemplificado na reportagem ao vivo da NDTV, mesmo quando o Mocotó estava em luto, o jornalista não vai até ele. Não sobe o morro. Não abre o diálogo e não escuta, muito menos dá o devido ‘espaço’ que tanto garante ser sua principal função social e profissional na sociedade (CORACÃO, 2012). Há uma problemática representacional no discurso jornalístico quando, a partir da industrialização capitalista, criou-se um apagamento das marcas do sujeito como configuração de um efeito de objetividade. Assim, a realidade condicionada por este discurso está ligada à necessidade de ferramentas de verificação, veracidade, astúcia factual, imparcialidade, das quais a literatura tem autonomia.

Então, a partir deste pensamento, passei a seguir uma linha de raciocínio que me fez, por um breve momento de reflexão, concluir que nas mídias hegemônicas e no cotidiano factual, o repórter não acessa a voz e nem dá o espaço, principalmente, quando a temática envolve minorias. E além disso, a partir da seguinte provocação que, dentro das narrativas vividas pessoais e das funções sociais que o jornalismo tem na sociedade, a soberania e o protagonismo sempre são populares. A voz e o espaço pertencem ao povo, mesmo que não sejam ouvidos e retratados nas lentes e na mídia.

Evidencia-se, portanto, que, ao se retratar como puro tradutor objetivo do acontecimento, o jornalista é uma peça frágil. O jornalista-escritor salienta que a imersão social, em seus caminhos tortuosos, é o objeto a ser percorrido pela caneta do repórter. (CORACÃO, 2012)

Ou ainda, quando Cláudio Coração reflete:

A ideia de representação carrega em si um ‘sentimento’ de apreensão. O mundo representado é, de certo modo, o mundo assimilado e percebido por um sujeito. Nesse sentido, tem-se a representação como um discurso de decodificação de algo externo, observável, palpável. Isso vale para o jornalismo e para a literatura. Mas é, aí, que se problematiza a questão representacional no discurso jornalístico. (CORAÇÃO, 2012)

Portanto, de maneira prática, minhas reflexões e provocações eram de que se a soberania da narrativa não pertence ao repórter, não é possível dar voz e espaço a alguém que está acima na hierarquia, pois, quem está abaixo, não é quem obtém os “títulos de posse”. Pelo contrário, as vias em que anda o jornalismo existem justamente pela sua função social de quarto pilar da democracia, um guardião, como quem garante os direitos e deveres ao informar à população e traduzir à ela as informações. E tudo isso é possível ao compreender que há alguém a ser servido, o próprio povo. Foram repetidas as vezes em que me perguntava pelos corredores e salas de aula durante a graduação, se realmente é possível dar voz e espaço a alguém e se o jornalismo, naturalmente, o faz. Porque, no final, há uma impressão de que, se o jornalismo dá a voz ou dá o espaço, “dar” do verbo “pôr na posse (de)” ou “tornar disponível”⁵, ele pode estar, então, a dominar discursos. A ele, a voz e o espaço pertencem. E esta não é a verdade. As vivências narradas não pertencem ao repórter e muito menos às mídias, elas só são narradas por eles.

Os acontecimentos na contemporaneidade juntam as forças da informação e da ‘ficcionalização’. São construídos pelos meios de comunicação, mas também os constroem. Um duplo movimento, que só faz aumentar a crise epistemológica da operação jornalística, baseada na crença de poder reproduzir a verdade. A mídia influencia o ideário coletivo, que não se reduz ao significado intelectual, sendo também estritamente ligado a nuances emocionais. [...] O fato é que a verdade é um mosaico. Fala por mil vozes. Tem mil faces. É interpretada, construída e reconstruída. [...] Qualquer reflexão crítica contemporânea precisa levar em conta essas considerações. Não há mais lugar para discursos totalizantes e verdades absolutas [...] Não há mais lugar para a arrogância. O que chamamos de realidade constitui-se fundamentalmente de construções possíveis em formas infinitas e variáveis. O próprio indivíduo é co-construtor da realidade em que vive e que, às vezes, quer modificar. Diversas vozes e múltiplos olhares formam o acontecimento. (PENA, 2006)

⁵ Pesquisa no dicionário Oxford <<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>> Acesso em 08 de janeiro/2023

Consequentemente, as inspirações para minhas reflexões cresceram ainda mais depois de me envolver com o projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária e passar a compreender a função do repórter como um canal. Ao trabalhar de forma íntima com as comunidades da Grande Florianópolis, o movimento feito pelos estudantes do projeto não era de impor pautas que, dos olhos de quem enxerga mas não vive na periferia, eram necessárias. Desde o começo foi preciso entrar em contato com a comunidade e desenvolver pautas que faziam sentido para a própria localidade, que eram trazidas por eles, porque as produções jornalísticas do projeto eram feitas, exclusivamente, para eles. Então, a partir de um referencial em que há um apagamento de qualquer perspectiva, expectativa e impressão de quem está de fora, ou seja, de mim mesma como jornalista, e é, na verdade, criado um espaço de escuta das necessidades de quem o vive, consegui me colocar em um lugar quase que “neutro”. Pouco importava se aquela pauta fazia sentido na minha vida ou não, porque era necessário que a minha função fosse só uma engrenagem em todo o mecanismo de produção, ou seja, só era necessária a minha técnica e prática jornalística na produção, porque, a pauta, o espaço e a voz, não pertenciam à mim, estudante de jornalismo que fazia o projeto, e sim, aos moradores que traziam suas necessidades e vontades. Ao fim, nada era dado por nós a eles, na verdade, nós éramos quem recebíamos. E esta “nova maneira” de observar meu trabalho como jornalista me fez refletir sobre como seria estar presente na linha do meio, no equilíbrio entre quem dá e recebe, entre quem escuta e traduz, entre quem edita e escreve.

Também não quero diminuir a importância do jornalismo e da verdade em si. Apenas acredito que devemos interpretá-la não a partir do eventos, mas tomando como referência seus pressupostos de formação, o que significa questionar fontes, arquivos e até documentos oficiais. É bom lembrar que a ‘história real’ sempre é contada pelos vencedores. (PENA, 2006)

Assim, depois de brincar com os termos “voz, espaço, dar e receber”, continuei meu raciocínio até chegar à minha pergunta inicial. Que estava, na verdade, totalmente ligada com minhas vontades pessoais de compreender que, já como não se dá espaço nem voz, mas, sim, através das ferramentas jornalísticas, se escuta, se compreende e há uma tentativa de tradução ao comunicar o que é relatado ao repórter, sobrava a mim uma vontade gigantesca de conversar. Em uma ideia de que já que não é possível que eu dê voz e espaço a alguém que já o possui como dono de suas próprias narrativas, então, a próxima provocação surgiu como, se eu pudesse, daria duas batidinhas na porta deste morro e pediria para entrar para uma

conversa. E escutar, transcrever e contar o que me foi dito. Porque, na visão que obtive ao trabalhar mais de perto com o Morro do Mocotó e ao perceber o que meus colegas de profissão fazem no cotidiano ao retratar essas localidades, não haveria como “ouvir o outro lado” e entender a perspectiva do morro não conversando com o próprio morro. Mas, obviamente, há um impedimento físico. Não é possível conversar com um objeto inanimado. Uma rocha. Uma árvore. Um lugar. Ou será que há uma maneira? Aqui se encontram, talvez, um dos maiores encantamentos para quem domina a escrita e a criatividade e para quem explora a literatura para além de suas páginas e significados: Se fosse possível, como seria este universo? Como seria se o morro realmente falasse? De que modo falaria? Seria uma voz oculta ou haveria um corpo? Se sim, seria humano ou com traços de animais ou da natureza? Teria gênero ou seria andrógono? Sobre o que falaria? O que enxergaria e sentiria?

Para desenvolver este trabalho foi preciso um apanhado de práticas e teorias sobre embasamento histórico e produção jornalística para a realização da pesquisa e do texto da reportagem. Técnicas de jornalismo investigativo foram utilizadas na metodologia da pesquisa para elencar, priorizar e construir as informações durante o texto. Foram escolhidos os caminhos textuais entre jornalismo literário e a escrita de perfis pela minha afetividade e proximidade com os formatos, porque esses dois meios possibilitam percorrer sob uma maior liberdade jornalística na escrita e na criação deste livro que viria a responder todas essas perguntas que mental e solitariamente fizeram parte do processo de construção do livro. Por entender também que, ao fazer a junção das diferentes narrativas que continham histórias completamente diversas, utilizando estes dois formatos, seria possível criar uma linha lírica e de raciocínio que liderasse o livro, a ponto de equilibrar o nível de “ficção” da criação da personagem ligada a toda a pesquisa histórica registrada, além de que não haveria, assim, um impacto sentido pelo leitor de um capítulo para outro, quando houvesse a troca de narrativa e a mudança de formato, de diálogo para perfil.

2.1 FORMATAÇÃO TEXTUAL

Como parte do pressuposto de que há uma voz a ser ouvida e é ela quem me conta informações, intuitivamente imaginava o livro em um formato de diálogo porque, assim, seria possível manter a ideia de um espaço físico de conversa. Da mesma forma, haveria a possibilidade de o próprio morro narrar a história, mas era de um desafio e dificuldade tremendos, pois, quando somente o morro narra, há uma janela gigantesca de possibilidades

em perder a oportunidade de dar as características físicas e sociais que transcrevem a sua personalidade e que são inspiradas na minha própria impressão como jornalista quando vou até o morro. Além de que, quando alguém como eu, presente em primeira voz no livro e que se apresenta ignorante à maioria dos assuntos tratados por esta entidade-personagem, passo a entrar em contato com alguém de uma realidade completamente diferente da minha, um ambiente de troca de experiências é criado. E isto facilitaria para identificar ao leitor e à própria produção jornalística de resgate dos registros históricos e oficiais no livro, que aquilo apontado e informado através da voz desta entidade-personagem e da sua visão que é histórica, não são ficção. E, sim, a realidade do patrimônio da cidade. Em meio à construção e estruturação dos ambientes caminhados e das histórias contadas, me inspirei nos relatos publicados pela tese de doutorado *Do mar ao morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis* que traça um parâmetro cronológico das formações físicas e culturais das comunidades da cidade, ao retratar, por exemplo, desde os materiais com os quais eram construídas as casas às músicas comumente ouvidas, tocadas e dançadas no século XX por estes moradores. Permitindo que eu fosse guiada por ela, autoridade de sua própria vivência e memória. “No caso do ‘leitor-itinerante’, seu modo migratório de ser implica deixar-se tomar pelo acaso dos encontros” (BUSATO, 2019).

A partir disso, determinei que quem conversaria com este personagem criado seria eu mesma, para que não se perdesse a riqueza das informações e das discussões sociais a partir das disparidades vivenciadas entre nós duas, que poderiam ser interessantes para o livro. Portanto, decidi que o morro não narraria a história em primeira pessoa, e sim, eu, a pessoa de fora. Haveria uma voz minha e dela sendo construídas simultaneamente para o leitor. E nossas personalidades retratadas aos poucos em cada travessão, questionamento e pensamento, para que houvesse a sensação participativa de quem lê neste “bate-papo”. Assim, de forma muito sensitiva, continuei confiando nas minhas intenções em produzir os capítulos do livro em formato de diálogo e manter este segmento em todas as partes em que esta entidade-personagem respondesse e me comunicasse informações. Como escreveu Susana Busato em *Literatura e Cidades*:

Do corpo pulsante do espaço urbano, ressoam matizes de vozes. Estas emergem como desejo e promessa, crítica e (des)construção de seu próprio espaço. Como corpo se erguem numa arquite(x)tura. Sua concretitude de palavra se revela como um corpo em ebulição. Sua corporeidade, como poesia, se traduz. Início aqui meu trajeto pelas ruas e becos da poesia por um roteiro particular. Crio a imagem do ‘leitor-itinerante’, uma espécie de *flâneur* baudelairiano, que vai se ocupar do *hasard*, esse dado lançado que nos arrebatava do estado de conforto e nos impele a

perseguir, na rua desse universo de poemas que dão forma à cultura brasileira, esse Outro que emerge na sua singular silhueta. (BUSATO, 2019)

Houve neste processo de criação diversas tentativas, como, por exemplo, gráficas. Já como os travessões e os entre travessões simbolizam as falas, quem está dizendo dito e o quê, era necessário que, de alguma forma, houvesse uma interação paralela com quem narra a história e conversa com o leitor. Portanto, os pensamentos da autora, neste caso a minha própria personagem, foram mantidos em itálico para que pudesse haver uma diferenciação em relação às demais intervenções.

Da mesma maneira em que a discussão sobre a voz e o espaço permearam a minha intenção em criar essa possibilidade de o morro ser alguém “físico” que conversa com outro alguém, era de extrema necessidade e relevância que as vozes de quem é realmente encarnado e habita esta localidade também estivessem no livro. A partir desta observação, o planejamento dos perfis foi feito. O formato de perfil permite que o leitor compreenda com grandeza e complexidade as diversas vivências de uma história pessoal, e ainda, de forma livre, é um texto onde o autor consegue experimentar e retratar recortes diferentes da história contada. Principalmente porque, no caso deste livro, as histórias seriam sobre uma vida inteira, e não somente observando uma fase específica da vida do morador. A intenção era saber quem é esse morador, o que o Mocotó significa para ele e o que representa hoje.

“Traduzir uma personagem não significa usar gravador, máquina fotográfica e outros embelecões (desculpem: equipamentos...) tecnológicos. Talvez se traduza melhor evitando os tais recursos mecânicos, elétricos ou automáticos. Traduzir é ir ao fundo, é maquinar, é ruminar, é sofrer as essências de um personagem - com os sem potencialidades de meios industriais de captação. Isso de sofrer as essências de um personagem, o gravador e o computador não aprenderam a fazer, não (João Antônio, 26 e 27/03/1976). (CORAÇÃO, 2012)

E esta é uma das partes mais interessantes da produção porque, ao longo da escrita, fui experimentando formatos diferentes dentro dos próprios perfis. Passei a tentar colocar travessões e interações no texto, onde tanto os moradores têm falas longas, quanto a minha pergunta feita no momento da entrevista. Porque esta é uma grande verdade por trás da metodologia escolhida para produção deste livro: da mesma forma em que imaginei uma conversa com o morro, busquei, entrei em contato e fiz as entrevistas, no formato mais informal e coloquial que pude, respeitando minha posição entre repórter e fonte, mas mantendo viva uma interação constante e um clima de diálogo entre o entrevistado. Assim,

acredito que obtive as respostas mais espontâneas e um ambiente mais confortável para a própria fonte que, por diversas vezes, chorou, se emocionou, teve vergonha e reviveu traumas e momentos difíceis para poder me contar suas vivências. Portanto, da mesma forma que escrevi os capítulos em formato de diálogo com a entidade-personagem, tentei manter em alguns momentos para o leitor a impressão de que ele também está acompanhando ao vivo essa conversa com os moradores. Por isso, também, foi deixado na narrativa os trejeitos e manias na oralidade de cada um, ao observar que, através do seu sotaque e escolha de palavras, é quando muitas vezes se compreende, se identifica e se alcança a intensidade e complexidade da personalidade de alguém. Por exemplo, no perfil do morador Moisés, ao retratar a sua opinião sobre o tráfico de drogas e a presença da polícia no morro, era importante que ele tivesse o seu espaço no texto de “desabafo”, através da sua própria expressão e narrativa. E, por isso, deixei que suas aspas fossem longas. Da mesma forma, ainda sobre narrativa, quando entrevistei a Luiza e o Paulo, as entrevistas se deram sempre em casal, então, os dois davam seus pontos de vista e contavam suas vivências juntos. Mas, de maneira geral, a Luiza é alguém que gosta de conversar e costuma interromper o Paulo, por isso, decidi explorar a possibilidade de abrir um formato de “diálogo” no meio do perfil, ao colocar em travessão as falas em aspas dos dois, já que há uma interrupção constante e uma narrativa conjunta e participativa na hora de retratar seu passado.

2.2 METODOLOGIA

Para começar este trabalho, era muito importante que eu compreendesse o todo e visualizasse, de alguma forma, o contexto histórico, seja ele cronológico ou dividido por eventos específicos. Por isso, resgatei alguns ensinamentos e discussões que tive em sala de aula na disciplina de Jornalismo Investigativo, para organização das minhas metas de busca pelas informações, iniciando as investigações pelos registros “oficiais”. Ou seja, fazer toda a parte de investigação e resgate histórico previamente, antes de iniciar as entrevistas com especialistas, até para que eu pudesse ter uma melhor base para minha conversa com os doutores e professores, e pudesse assim formular minhas perguntas. Já como não havia uma década específica que eu quisesse retratar no livro, e que, na verdade, eu estava enfrentando um grande desafio ao retratar praticamente dois séculos de história, e ainda entre duas localidades, a formação do centro da Nossa Senhora do Desterro que conseqüentemente formou o Morro do Mocotó -, havia essa dificuldade, inclusive, em conversar com um

historiador sobre quase 200 anos de história. E era importante para mim, principalmente porque me considero uma pessoa muito visual, que fosse possível criar uma linha do tempo. E através dela, eu pudesse costurar os registros da minha personagem e as suas sensações, e ainda, juntar com os registros e vivências dos próprios moradores também retratados no livro pelos perfis.

Para que fosse possível este resgate muito antigo, decidi começar meu trabalho visitando museus históricos na cidade. Fiz uma lista com os nomes de alguns: Museu de Florianópolis, Palácio Cruz e Souza, Museu Victor Meirelles, Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina e a Casa da Memória.

Meu primeiro local escolhido para visita foi o Museu de Florianópolis, localizado no centro da cidade, em frente à Praça XV, um prédio onde antigamente se encontrava a Câmara Municipal e havia também uma delegacia e uma cadeia. De onde, inclusive, saíram histórias violentas e tristes de pessoas negras escravizadas encarceradas, relatadas no livro *Histórias Diversas: Afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. De onde, também, em setembro de 2022, alguns séculos depois, tive o meu primeiro impacto do quanto seria difícil encontrar registro nas fontes oficiais expostas sobre as histórias de comunidades, mesmo as mais tradicionais, como o Morro do Mocotó. A sua invisibilidade histórica é gritante nos salões de um museu que diz contar a história da cidade, enquanto, mesmo que vindas daquelas mesmas paredes, retrata superficialmente o que sofreu o povo preto na formação de Florianópolis, e, muito menos, na formação das regiões que antigamente compunham a periferia, mas que hoje estão no centro, como é o caso de todas as comunidades do Maciço do Morro da Cruz, localizadas no morro que se encontra, literalmente, atrás deste museu.

Não havia registros oficiais com os nomes das comunidades, muito menos pelas paredes do museu. O que encontrei e consegui trazer como inspiração para o meu trabalho foi uma visão sensível sobre as rendeiras, benzedoras e pescadores, ocupações de trabalho extremamente tradicionais e reconhecidas na Ilha de Santa Catarina, e que seriam referência para mim mais pra frente no meu trabalho de escrita destas profissões históricas. A segunda inspiração que posso dizer que encontrei neste museu foi uma pintura, em um livro que se encontrava em uma prateleira aleatória de uma sala de leitura infantil dentro do museu, chamado *Desterro: Ilha de Santa Catarina*, Tomo I e II, de Gilberto Gerlach. Essa pintura foi feita por um alemão que subiu na região do Morro do Mocotó no século XVIII e registrou lá de cima a vista, em uma tela. Talvez, o retrato mais antigo ligado à comunidade que encontrei nas pesquisas. Para mim, que precisava reconstruir e imaginar o que esta entidade observava e

sentia, foi essencial encontrar esta imagem retratando o que a personagem possivelmente enxergaria e como ela avistaria o centro de Florianópolis naquela época.

Depois, fui até o Museu Victor Meirelles, que não me foi útil, e fiz uma tentativa de visitar o Palácio Cruz e Souza, antiga Casa do Governo, que estava fechado para visitação por alguns meses para reforma. Por me decepcionar no museu que diz contar a história da cidade mas que, na verdade, ignora as comunidades, decidi deixar para tr s os museus e partir diretamente para a Casa da Memória. Particularmente, foi uma decisão muito feliz porque encontrei dois estudantes de história e antropologia e um museólogo que trabalha no órgão, que entenderam com muita sensibilidade o meu trabalho, a importância de resgatar o mínimo de registro oficial e o quanto era primordial para mim conseguir *enxergar* o tema. Principalmente, avistar o morro nos anos passados. A ponto que fosse possível sair da imagina o e ver, realmente, o que eram o Mocot  e as comunidades do Maciço do Morro da Cruz. Passei duas tardes na Casa da Memória e encontrei registros fotográficos interessantes. A maioria, fotos oficiais do Imperial Hospital de Caridade ou da vista de cima da Catedral, contendo a comunidade ao fundo. Nenhuma era oficialmente um retrato físico da comunidade, da forma o daquele local e das pessoas. Por aconselhamento do museólogo Felipe, que me atendeu na Casa, fui até o Arquivo Histórico do Município de Florianópolis, que se encontra ao lado do Museu de Florianópolis no centro e que guarda os registros históricos do Estado. L , não fui bem atendida e logo me disseram que não possu m muitas informa es antigas sobre a região. Chegaram a me informar via email para pedir informa es, mas que também não obtive grandes respostas. Resolvi deixar de lado porque compreendi naquele momento que o que mais me interessavam eram as histórias antigas de moradores e de constru o da cidade, algo que me contariam os entrevistados, e não necessariamente o que estava registrado em nome do Mocot .

Posso dizer que, pessoalmente, ir até a Casa da Memória, que se encontra ao lado da Catedral da cidade, me ajudou a observar Florianópolis com um filtro das décadas antigas nos olhos, que no futuro, me inspiraria a criar um "superpoder" da entidade no livro, quando ela também adiciona filtros aos meus olhos e me mostra o que lembra e observava. Sair daquele prédio antigo e caminhar pelo calçadão, em frente à torre da Catedral e da Praça XV, dois lugares que eu acabava de ver sendo pavimentados e urbanizados através dos anos e contados pelas fotografias, fez com que eu "trocasse um chip" na minha cabeça. O que me ajudou a começar a escrever o livro posteriormente.

Eram registros e mais registros fotográficos, mas me faltava um material palpável. Me faltava a costura das vivências entre as histórias e o contexto por trás dessas imagens. Por isso, resolvi iniciar de pronto minhas entrevistas. A priori, foi feita uma organização para encontrar historiadores, geógrafos, geólogos e antropólogos. Comecei enviando emails para todas as secretarias desses cursos dentro da UFSC e da UDESC, explicando quem eu era, o que estava fazendo com meu TCC e o que precisava. E assim, fui sendo encaminhada por esses departamentos para pessoas especializadas nos temas que me envolviam. Para mim, era importante reconstruir o passado do Mocotó através de sua formação mais crua e vendo por diferentes perspectivas, algo que essas diversas áreas me fundamentaram.

Minha primeira entrevista foi com o professor Orlando Ferretti, do curso de geografia da UFSC, um geógrafo que fez parte do desenvolvimento do Parque Natural Municipal do Morro da Cruz e quem me explicou sobre a formação rochosa dos maciços, sobre o que era plantado e o que tinha na região do Mocotó antigamente, antes das pessoas. Até as nascentes, as histórias dos “tigres”, das lavadeiras e dos pescadores, e quem eram as pessoas que primeiro constituíram o Mocotó como vila periférica da cidade. Depois, segui para uma sequência de trabalho para encontrar professores de história que me ajudassem a costurar os eventos e me mostrassem essa base mais histórica que o Orlando me passou.

Para isso, entrevistei três historiadores da UDESC: o professor Reinaldo Lohn, a professora Ana Luiza Andrade e a doutoranda Carol Lima de Carvalho. Reinaldo e Ana Luiza me traçaram no espaço-tempo o que aconteceu com toda a Nossa Senhora do Desterro, desde sua descoberta até os princípios de hoje. Contaram-me histórias dos aterros, das águas, das grandes obras, das construções dos primeiros prédios públicos e da vivência dos antigos escravizados, da formação das regiões periféricas. Já Carol me traçou um panorama cultural enraizado nas comunidades, porque pesquisa sobre mulheres negras no samba. Ela também foi a primeira especialista que entrevistei que é uma mulher negra e de terreiro, duas características que tinham total a ver, inclusive, com a criação da minha personagem. Através da nossa conversa, pude perceber as diferentes versões e profundidades contadas por especialistas brancos e negros. Ela me deu o embasamento da formação das primeiras duas escolas de samba de Florianópolis, a Protegidos da Princesa e a Copa Lord, e ainda um fundamento para compreensão da importância desses locais que cultuam fortemente a cultura negra, para localidades de origem preta, como o Morro do Mocotó.

Entrevistei também meu antigo professor de história do ensino básico, o professor Renato Aurélio dos Santos, que sempre me inspirou a ouvir e buscar pelas histórias

extra-oficiais e foi o que fez na nossa conversa também. Ele é nascido e cresceu até os 18 anos na região do Morro do Bode, no Mocotó. Em seguida, entrevistei o professor de geografia, nascido, crescido e ainda morador do José Mendes, comunidade atrás do Morro do Mocotó, professor Eduardo De Souza. Esta conversa foi interessante porque ele aprofundou o tema sobre os ensinamentos dos antigos, sobre a riqueza dos terreiros de umbanda na região - uma das regiões com maior concentração de terreiros de umbanda do país, segundo ele - e contou mais sobre a importância das diversas nascentes do maciço para esta comunidade, desde sua origem. Foram diversas entrevistas de cunho histórico que retrataram registros e histórias contadas, e dessas mesmas conversas, percebi que muitos professores e doutores repetiam a mesma frase “dizem que ali... dizem que era... dizem que tinha...”, o que, na verdade, me provava o quanto há uma falta de escrituras que "comprovam" as realidades vividas pelas comunidades da cidade.

Por não ter muitos registros, mesmo encontrando pessoas que estudam informações sobre essas regiões, as histórias contadas a mim por entrevista começaram a se repetir, o que me indicou que eu estava chegando ao final de um ciclo de apanhamento das informações e precisava encaminhar minha produção de fato. Por fim, e de forma alguma menos importante, entrevistei a professora Alexandra Alencar, nascida no Monte Serrat, comunidade vizinha ao Mocotó, e formada em 2006 pela UFSC em jornalismo. Com ela, uma mulher negra de terreiro e de comunidade, jornalista e professora de antropologia da UFSC, escutei sobre a riqueza e a grandeza de ser negro. A importância da territorialidade e da vivência dentro dos terreiros e dos salões das escolas de samba. A importância de ser visto, cultuado e celebrado como pessoa negra. Sobre os desafios, as dores, as violências. Sobre a formação de um ser negro, de um ser periférico de comunidade. E como isso é carregado para o resto da vida no coração de um morador criado no morro. Para mim, ainda mais desafiador que escrever a história de uma comunidade não sendo uma menina de periferia, era contar a história de um povo preto sendo branca. Por isso, com Carol e Alexandra, ainda mais por serem mulheres, fiz um papel muito maior de escuta desta sabedoria excepcional que é para mim, um ser branco, algo incomparável. Acredito que por elas terem me dado a oportunidade de falar e me expressar sobre meus anseios e desafios na escrita, é que consegui, na verdade, encontrar através delas uma voz única, como mulher negra, de periferia, que está totalmente ligada à voz do Morro do Mocotó que conta sua história pra mim neste livro. Sem nem mesmo poder esperar por uma entrevista tão rica como essa, eu aproveitei muito para ouvir, captar, compreender, a sua profundidade.

A partir dessas entrevistas e até mesmo durante elas, é que passei a escrever a reportagem. Era muito importante que eu explicasse, através dos capítulos, de onde eu vinha e o porquê de estar escrevendo esta história. E compreendi logo cedo que seria necessário deixar reservado um espaço somente neste relatório para explicar as maneiras jornalísticas e literárias que escolhi para escrevê-la, porque compreendi que se eu dissertar sobre a produção do livro a partir de uma linguagem mais acadêmica, explicativa e analítica, dentro do próprio livro, eu poderia atrapalhar o lirismo e a escolha da narrativa posta no texto. Para isso, parti do pressuposto de que como jornalista e cumprindo com um papel de ser um canal que passa a mensagem e as informações que eu estava investigando, eu deveria iniciar sendo totalmente realista. Assim, o texto começa de um encontro que aconteceu na minha vida real - eu realmente participei do projeto Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) por vários meses e realmente na minha segunda ida ao Mocotó, fui conhecer o projeto Mittos com a estudante Klay - para que, assim, e somente assim, a partir desta verdade, eu pudesse criar esta personagem e escrever esse tanto de história que eu havia ouvido nas entrevistas e observado nos poucos registros oficiais.

Com toda a certeza, minha maior dificuldade em escrever este trabalho foi, justamente, na parte em que era o meu próprio trabalho: a tradução, real e crua. Como traduzir um tanto de informação oficial, vinda de uma linguagem acadêmica enrijecida nestes registros históricos e nas entrevistas com especialistas, a ponto de que fosse crível ao sair da boca de uma senhorinha? Como transformar em diálogo uma linguagem e os seus próprios trejeitos e sotaques?

Antes de explicar meu processo de tradução, é necessário deixar claro que, particularmente, sou uma pessoa muito musical. Trabalho ao som de música. Me inspiro em música. Escrevo, canto, imagino, respiro. Assim, meus trabalhos durante a graduação foram repletos de inspirações em letras de música e melodias. Fui, inclusive, muitas vezes corrigida por professores por “fazer rimar” demais os textos. Então, sempre foi algo muito natural para mim. Como eu poderia prever, por ser também alguém com uma certa mediunidade e intuição desenvolvidas, com muita curiosidade sobre a espiritualidade, acredito que os passarinhos verdes me assopraram diferentes maneiras de escrever e compor essa personagem e esta história. Para mim, por mais que o gênero da palavra “morro” seja masculino, a comunidade e a localidade sempre foram uma mulher. Nunca consegui imaginar uma conversa entre eu e um homem, o Mocotó. E sim, “a” Mocotó. Principalmente porque, na visão prévia que tinha sobre o morro e na minha vontade de traduzir sua importância para cidade, compreendia que a

comunidade foi o berço, a base, o plantio e a colheita, das riquezas históricas de Florianópolis. E que em sua formação, recebeu e acolheu diversas pessoas, foi casa para elas. Um espírito maternal que, para mim, me retratou sempre uma figura feminina, principalmente, por uma ideia de “colo de mãe”, uma formação rochosa longa que vai até a ponta da praia, que abraça o centro, que protege, que abre os braços e guarda. Mas é também alguém que guarda muita sabedoria, que tem memória, que viu muitas coisas, então, não poderia ser uma mulher no ápice da sua juventude. A minha criatividade foi essencial para que eu explorasse e testasse diversas palavras, trejeitos, manias, vícios de linguagem, que tornam a personagem crível durante o texto. As inspirações para a criação foram diversas. E como boa estudante de jornalismo, que já ouviu “trocentas” vezes a seguinte frase dos professores, o que me bastava era: “só começar a escrever qualquer coisa que logo o texto toma forma”. E não poderia ter sido diferente.

Em um dia qualquer, uma música da orixá Nanã ficou na minha cabeça e me veio a ideia de me inspirar nela, uma entidade das religiões de matriz africana que é idosa. Uma senhora negra de muitos saberes, conhecida por dominar as águas paradas e a lama, e ser responsável pela origem do Homem na Terra e sua passagem em sua morte. Acabou que esta minha inspiração se tornou uma grande homenagem e um símbolo de respeito à Umbanda e ao Candomblé, que fazem parte da origem e da história do Morro do Mocotó até hoje, e que, pessoalmente, me dão muita curiosidade e adoração. Então, o primeiro capítulo deste livro foi escrito enquanto ouvia pontos, canções, de Nanã na internet.

Já os próximos capítulos, por automaticamente pensar nesta personagem como uma entidade antiga e começar a escrever de forma natural o seu vício de linguagem “fia” ao se retratar a mim, resolvi me dedicar e me inspirar no olhar das pretas-velhas, também entidades religiosas de matriz africana, que são no dia a dia apelidadas, inclusive, pelos macumbeiros, como “vozinha” ou “vozinho”. Justamente porque personificam esta figura de um avó/avô que escuta e conversa, que dá conselho, que “puxa orelha”, e que explica muitas coisas incompreendidas pelo consulente, ou, de forma lúdica, seus “netos”. É como uma avó que cria, não uma avó que mima. Vem dela a arruda e o café. Pretos-velhos são geralmente retratados com uma arruda pendurada na orelha e enquanto atendem as pessoas em terreiro, tomam café preto passado. Inclusive, em alguns atendimentos individuais, chegam a oferecer esta caneca para o consulente, porque dentro da religião, acredita-se e cultua-se que esta é a forma de um preto-velho se conectar mais profundamente com a energia da pessoa que está sendo atendida. Para fazer oferendas a essas entidades como forma de agradecimento ou

pedidos, por exemplo, pode-se acender uma vela branca e servir uma xícara de café preto ao lado. Estas características religiosas aprendi ao buscar informações e entendimento com pais e mães de santo, e ao conviver em alguns terreiros da cidade.

A partir daí, passei a ouvir diversas canções de Pretos Velhos que são, em sua maioria, tocadas pelos tamboreiros e cantadas em terreiros Brasil afora. Por conta deste meu processo criativo e para, de certa forma, deixar registrado o quanto as cantigas, são importantes registros históricos de ensinamentos muito antigos e até experiências vividas por encarnados nas décadas passadas, e claro, o quanto a música fez parte do meu processo de escrita, escolhi homenagear os “pontos” de preto-velho iniciando cada capítulo do diálogo com a comunidade, com eles. Porque cada canção retrata uma fase, uma dificuldade, um desafio, uma benção, através da história contada na letra, e percebi que poderia costurar os capítulos e introduzir a temática com estes versos.

Mais profundamente na linguagem e trejeitos desta personagem, me inspirei nas características dos pretos-velhos e das entidades africanas em geral, que utilizam palavras em comum para traduzir seus dizeres. Como por exemplo, “tempada”, que foi fortemente usada no texto, para associar ao tempo, as décadas, os séculos. E também houve algumas intervenções. Por exemplo, é de costume que essas entidades se retratem aos consulentes como “suncê”, de “você”. Mas, para mim, enquanto crio e construo uma personagem manezinha e guardiã da Ilha e da sua história, não faria sentido a utilização do “você” e, sim, as conjugações todas em “tu”, como é cultural do sul do Brasil e de Florianópolis. Da mesma forma, decidi por manter traços de oralidade na fala da personagem. Era importante para retratar o ambiente de diálogo e conversação, que ela mantivesse uma linguagem simples e oral. Passei por um processo de experimentos com relação a isso. Primeiro não coloquei nenhuma conjugação correta no plural, como muitas pessoas ainda falam no dia a dia. Mas, no fim das contas, esse modelo gerou um choque e uma diferenciação muito grande na maneira de falar das duas personagens, a entidade e eu. Gerando uma sensação simplista demais que não condizia com a quantidade de sabedoria e conhecimento que guarda e com a personalidade de autoridade que eu gostaria que ela tivesse e passasse esta impressão para o leitor nas cenas. Em palavras diretas, não queria que ela soasse como menos letrada que eu, como estava ficando na primeira tentativa de experimento. Portanto, mantive somente traços de padrão oral, como o corte da conjugação perfeita no plural e outras características. Ou até mesmo, a utilização de variados tempos verbais por compreender que, se o morro esteve aqui antes de qualquer pessoa, como uma eterna guardiã, e ela é, inclusive, inspirada em uma

entidade de matriz africana, os tempos verbais são misturados para justamente ter a sensação da amplitude do tempo e do domínio deste por essa personagem onipresente. Então, o uso de variados tempos verbais foi uma provocação que envolve a própria natureza da personagem, pois, para ela, tudo é próximo, tudo a envolve e tudo acontece.

Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer. Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto. (BRAIT, 2006)

Resgatei também meus conhecimentos de construção de personagem por ser atriz profissional formada em 2016 pela Akto - Escola de Formação de Atores e Multimídia, onde obtive treinamento de atuação para teatro, TV e cinema. Nesta busca, utilizei metodologias como a teoria da válvula de escape, da fuga e dos traumas, que constroem um personagem do zero até uma grande complexidade. Ao entender que há razões que justificam suas atitudes, sua compreensão, sua impaciência e amorosidade, entre outras características da sua personalidade. Há os amores, os desamores, os amores ditos e os não ditos, as raivas sentidas e as guardadas, os rancores, os medos, as tristezas, as decepções e as nostalgias. Todas essas emoções, que formam os seres-humanos coletivos, foram "experimentadas" no texto em várias passagens por meio das falas da personagem, e foi-se entendendo quem ela ama, quem ela odeia, quem ela sente saudade e do que ela quase esqueceu.

Este processo de localizar o que seria o amor e a raiva dela, me surgiu durante a primeira entrevista feita com um especialista, com o professor Orlando Ferretti. Enquanto tradutora das minhas vontades de entender quem era essa personagem, costumava dizer aos entrevistados frases como: "se o morro fosse uma pessoa, ele sentiria dor no meio do estômago com a construção do túnel Antonieta de Barros?". Portanto, enquanto ouvia as histórias contadas por eles, os especialistas, percebi um fio em comum com relação à água, por exemplo. Parecia-me que a água era uma riqueza gigantesca e que a mata era o que a guardava. Hoje não há mais mata e muitos menos uma quantidade de água saindo das nascentes como havia um século atrás. A partir daí, tracei um enredo em que a água em abundância é o amor deste morro e sua maior nostalgia, e que a Mata Atlântica faz tanto tempo que não está mais ali porque ela nem lembra mais de como era, por não conviver mais

com a mata desde os primeiros habitantes que já plantavam café e mandioca na sua terra. Pensei também que a raiva e o rancor recentes, que ela pode lembrar com detalhes a dor, são os aterros e as grandes construções. E que talvez, sua maior “vingança” seja saber que na natureza tudo é cíclico, tudo retorna, e que há uma raivosidade ao entender que a quem atirou a primeira pedra, a natureza devolve.

Assim, foi se formando a história deste livro. De forma muito intuitiva e tentando ser o mais crível e orgânica possível, traduzi estes conhecimentos investigados e contados pelos entrevistados através desta voz e desta personagem. A separação dos capítulos também me veio de uma forma muito natural. Inicialmente pensei em separá-los racionalmente, tentando adiantar minha organização do trabalho. Mas simplesmente não conseguia avançar nesta disposição prévia. Foi quando percebi que todo o meu processo criativo e de escrita estava sendo muito intuitivo e que esta parte não seria diferente. Eu sabia sobre a cronologia e a importância de determinadas histórias serem contadas em uma certa organização mental, para que fosse palpável ao leitor a compreensão da grandeza desta comunidade e da riqueza das informações que eu estava trazendo. Como, por exemplo, era necessário que as histórias sobre a água fossem contadas antes das sobre os aterros, para que fosse possível compreender a profundidade e a importância da água no cotidiano desta comunidade desde seu princípio, para posteriormente alcançar o quão grande foi o impacto de perder o contato direto com ela, seja através dos aterros ou do ressecamento das nascentes. Por fim, foi incrível perceber que cada capítulo que eu terminava de escrever, naturalmente já me vinha a inspiração de o que e qual recorte histórico eu deveria retratar no próximo.

Meu processo criativo se manteve nesta sequência: escrevi praticamente todos os capítulos de diálogo e a bruta parte da criação do livro, para depois seguir com os perfis. Inclusive, tardei muito para iniciar meu planejamento de encontrar os moradores, começar as entrevistas e escrever, porque compreendi que eu iria trocar de narrativa e me envolver com essas histórias recentes, e poderia me distanciar da linguagem e dos recortes e registros que eu estava trabalhando e gostaria de inserir na outra parte do texto. Tive medo de perder “o fio da meada” e me distanciar demais do lírico do meu diálogo, por justamente se tratar de uma “tradução” de linguagem. E para fazê-la, eu precisava estar totalmente conectada. Então, preferi dividir assim. De certa forma, a vida foi irônica e me presenteou com um problema de saúde para que eu realmente não pudesse começar logo as entrevistas para os perfis. Passei a ter dores brutais no ciático no fim de outubro e não conseguir caminhar, até ir a um médico e

descobrir que precisava de uma cirurgia de emergência para retirada de uma imensa hérnia de disco na minha lombar. Esse momento de saúde, junto ao feriado de Natal e Ano Novo que estavam próximos, me tirou aproximadamente dois meses de trabalho, mas foram essenciais para que eu desse um respiro no meu texto e iniciasse, então, meu “segundo momento” de produção: a dos perfis.

Da mesma maneira que na criação do texto e da personagem, meu processo com os perfis me surgiu de uma forma natural. Eu mantive contato desde que subi no morro pela primeira vez com alguns moradores. Havia escrito o perfil da Luiza e do Paulo para uma disciplina da faculdade. Então, para mim, foi muito orgânico retornar a este texto e essas entrevistas e atualizá-las, compô-las de uma forma diferente no livro. Da mesma forma com a história do Ricardo, irmão da Luiza, professor do Grupo Mittos e que conheci também na primeira visita ao Mocotó. Foi no mínimo uma atitude de respeito contar sua história por ter sido através do meu encontro com ele que iniciei este livro. Os três, que são parte da mesma família, possuem uma história de vida que, eu os conhecendo de perto e tendo uma grande proximidade, não poderia deixar fora do meu trabalho.

O Moisés foi também um jovem que conheci na minha primeira ida ao Mocotó através do JAC enquanto falamos de violência policial. Ele foi essencial para me inserir na história e nas sensações de como é viver naquela comunidade. Já desde nossa primeira conversa, passei a sentir esta vibração relatada no livro por também observar a maneira com que Moisés é totalmente inserido na comunidade, como um pedaço deste corpo imenso que respira na costa da montanha. Mais tarde, descobri que ele não é natural dali, o que me impressionou muito pelo grande envolvimento com as temáticas e pautas da favela. Por isso, a curiosidade veio rapidamente. Quis entender suas origens e de certa forma demonstrar através do seu perfil, o quanto o Morro do Mocotó é casa para pessoas de fora da cidade também. A Dona Dete me foi apresentada pelo professor Eduardo de Souza, que é do José Mendes, e a conhece há anos. Claudete, ou mais conhecida pelos moradores como Tia Dete, é a mãe de santo mais velha do morro, uma das moradoras mais antigas ainda vivas e com uma lucidez e sabedoria de dar inveja. Há muita potência na sua vivência e na sua vontade de honrar e fazer o justo pela comunidade, mesmo aos seus 80 anos.

Mas nem tudo foram flores. Passei por processos de esgotamento mental da minha criatividade, justamente por me colocar em um local de dúvida. A pergunta principal que me

vinha na cabeça constantemente foi se eu era a pessoa certa para escrever esta história. Por ser de classe média alta e nunca ter vivido numa comunidade. Por ser branca. Por ser de uma bolha burguesa. Por ter me distanciado por uns cinco meses dos moradores que conheci do Mocotó no começo de 2022, para focar nesta reta final da graduação. Uma culpa, um anseio, um medo, a ponto de me travar no processo criativo. Minhas questões sempre foram muitas e principalmente de cunho mental e emocional, o que não quer dizer que não eram racionais. No sentido de que realmente havia uma preocupação em ser injusta em algum momento com esta história. Em não perceber um possível erro na forma de traduzir uma passagem, ou escolher palavras que não cabem nas bocas de quem é da comunidade, ou, ainda, mais ofensivo, deixar claro por trás de cada vírgula falada pela personagem escrita e criada por mim, que sou mesmo uma típica mulher branca burguesa escrevendo.

Por fim, após muitos dias refletindo sozinha e partilhando minhas angústias com amigos e minha orientadora, percebi que esta é a realidade e não consigo fugir dela. Sou de fora dessa bolha. Estou passível a “erros” injustos. Mas estaria aqui então a importância de, desde o princípio do texto, me colocar no lugar que pertencço e, através dos capítulos, destacar a diferença da minha bolha para a bolha desta entidade com quem converso, através das minhas paranóias e conversas sozinha mentalmente, ou então, através das minhas perguntas retóricas a ela, na insistência de provar se aquilo era verdade ou não, o que acaba retratando meu distanciamento daquela história ouvida, ou até mesmo, uma certa arrogância intelectual branca de minha parte. Na minha busca por comprovar os conhecimentos que ela me contava, os quais foram adquiridos através da sua sabedoria e experiências, descobri uma característica que é muito comum entre as pessoas da comunidade que costumam saber um pouco de muitas coisas, e inclusive, isso é algo que os ajuda em possíveis apertos financeiros, como me foi relatado na entrevista com o morador Ricardo Cabral. Por exemplo, é possível trabalhar como pintor e como pedreiro, ou com decoração e fabricação de balões, ou como babá e cuidadora de idosos. Porque é algo vivido e aprendido desde o berço, desde o começo. Desde jovem estes moradores vão pegando a prática das coisas por precisarem trabalhar muito cedo, por fazerem parte de projetos sociais que ensinam qualidades variadas, e por aprenderem vendo na vizinhança. Não por um curso técnico com diploma, mas pela experiência vivenciada. Por compreender esta sabedoria passada na vivência e na ancestralidade, de avó para neta, foi importante simbolizá-la no trecho do livro em que retrato as vivências em cozinhas de terreiro

e salões das escolas de samba. Como representação de talvez um dos maiores locais de concentração de conhecimento entre as famílias e a própria comunidade.

Estas minhas dúvidas e anseios foram apagados depois do meu processo com os perfis, o que me deixa muito feliz por não ter desistido deste meu TCC e ter chegado até o momento de conversar com os moradores. Percebi que todos estavam sempre muito dispostos e contentes por estarem sendo ouvidos. E até, eu estenderia minha fala para dizer que podem mesmo ter se sentido realizados por alguém como eu, mesmo que fosse vinda de uma brutal e diversa realidade, estar escrevendo sobre suas histórias de vida. Querendo e buscando ouvi-las. E isso, como profissional e contadora de histórias, depois de ter passado por esses momentos de muita insegurança, foi um grande presente para mim como futura jornalista formada. Me deu esperança de continuar andando, indo, aprendendo, errando, superando, porque uma hora as coisas se resolvem, e nem tudo é como a gente sente e enxerga. Posteriormente, quando conversei com mães e pais de santo, pude ter a oportunidade de questioná-los se fazia sentido, como estava fazendo na minha cabeça, o Morro do Mocotó ser uma preta-velha. Uma senhora inspirada nesta entidade. E todos eles me confirmaram que sim. Relataram-me que a preta-velha é uma avó que abre os braços e cuida, guarda, protege e educa. É uma mãe de coração grande sempre pronta e com muito espaço para mais um. Estes relatos me foram um alívio e uma certeza de que estava criando e sendo intuída pelos caminhos corretos.

Retratar em detalhes e, de alguma forma, reconhecer e reverenciar a sabedoria desta senhora que vem de uma vivência completamente diferente da minha é, na verdade, uma justificativa do porquê defender a minha vontade em escrever em formato de diálogo. Era necessário para mim retratar a história como uma grande conversa, como se eu estivesse gravando em áudio o que ela me diria e o que eu responderia, enquanto escrevia o que meus pensamentos possivelmente processariam na minha cabeça durante o diálogo.

Através deste formato, e talvez somente através dele, seria possível ser mais realista com a caracterização do ambiente e da própria personagem, captando puramente os seus trejeitos e sotaques. Desde minha primeira ideia para este trabalho e até mesmo no planejamento deste TCC, o texto sempre foi imaginado na minha cabeça neste formato textual. Para mim, era muito importante que eu tivesse espaço e liberdade poética -

características específicas da linguagem oral traduzida em diálogos -, para que o leitor conseguisse se entender e se colocar dentro da cena.

Como uma grande amante dos livros e da ficção, desde muito pequena adorava as discussões literárias porque são nesses espaços de troca com as pessoas que leram o mesmo livro que percebemos que cada um enxerga e imagina aquela vivência de uma forma diferente. E muitas vezes, quando um livro é comprado e sua história é formatada para o cinema e transformada para o audiovisual, esta riqueza que só a imaginação individual permite, se perde. Muitas vezes, quem leu o livro antes de assistir ao filme, se decepciona, justamente por ou faltar detalhes importantíssimos para a costura do contexto histórico e dos personagens, ou, também, pelo audiovisual acabar atrapalhando esse imaginário tão bem fundamentado na mente de cada leitor. Foi por isso que me contive a não adicionar retratos, fotografias e ilustrações nesta produção, para permitir a liberdade de cada leitor viver e se colocar no momento da história de forma única. E por querer que o leitor se aproximasse ao máximo desta realidade que é vivida por milhares de brasileiros mas muito invisibilizada e insensibilizada, é que eu queria essa conexão mais profunda. Por isso, o detalhamento das expressões durante as conversas que caracterizam ambas as personagens, tanto eu quanto ela, era importante. Para chegar ao ponto de o leitor conseguir fechar os olhos e sentir e imaginar, da sua forma, o que estava sendo retratado nas páginas.

Já para a produção dos perfis, caminhei por algumas possibilidades até decidir seu formato. Em uma conversa com uma colega da disciplina do TCC, ela me deu a ideia, por exemplo, de inserir os perfis no meio da narrativa já existente. Como se a senhora me apresentasse os moradores no caminho e desaparecesse depois, me deixando conversar com cada um individualmente. Pessoalmente posso dizer que essa ideia me encantou muito. Mas junto da minha orientadora, decidi manter o texto em formato perfil com uma narrativa mais jornalística, para dar um maior espaço para explorar diversos padrões de texto e, posteriormente, experimentar uma forma diferente de escrever cada um. No geral, os desafios de escrever os perfis acredito que tenham sido os tradicionais jornalísticos de sempre: como organizar a história - se cronologicamente ou separada por temas; como fazer edição do que entra no perfil e o que sai; brincar com as palavras para que o texto não fique massante; experimentar narrativas diferentes para sair do padrão anterior de escrita de diálogo; não levar para o coração as diferentes vivências dos moradores, das mais difíceis às mais rotineiras, que me foram retratadas como entrevistadora.

No perfil do Ricardo, eu escolhi começar com o presente. Construir no imaginário do leitor quem é ele, este comandante e percussionista superpoderoso, renomado e totalmente envolvido na cidade, para depois explorar seu passado, seus desafios e superações, até que fosse possível compreender o quão forte é sua história. Já na vivência de Luiza e Paulo, minha principal decisão foi diferenciá-la totalmente da minha prévia narrativa entregue para uma das disciplinas do curso. Ao escutar e resgatar minhas entrevistas, percebi que a narrativa da infância da Luiza era muito importante para sua história pessoal. Ela comentava muito sobre esses momentos, até mesmo quando o assunto da minha pergunta não envolvia a Luiza quando criança. E pensando no livro como um todo, seria interessante explorar histórias da família que eu não retratei no texto do Ricardo, através do perfil dela. Assim eu poderia impedir que ficasse maçante e repetitiva a leitura e, por isso, decidi fazer este recorte. Depois, tive a ideia de contar primeiro a história dela até o momento em que conhece Paulo, para depois entrar com a história dele. Por conta dos dois terem quase 10 anos de diferença, havia uma dificuldade em utilizar um padrão cronológico de linha do tempo, porque enquanto Luiza vivia no porão e passava fome, Paulo já estava no seu primeiro casamento.

Com a história da Dona Dete, entendi que não poderia usar da artimanha cronológica. Na minha primeira entrevista com ela, passei a sentir uma dificuldade em entender a linha do tempo da sua vida, até perceber que, para alguém que tem 80 anos de idade, os anos e as décadas vão se perdendo no tempo e nos detalhes, algo que é totalmente diferente para quem só tem a perspectiva de seus 30 anos - como é a média de idade dos outros entrevistados. Assim, decidi seguir por uma narrativa de memórias dela. Como ela se recorda que eram as coisas e, principalmente, utilizar sua lembrança como registro praticamente histórico das vivências da própria comunidade. Já na história de Moisés, era importante que eu retratasse com detalhes a invasão do morro entrelaçados com a questão da polícia. Por ser algo muito vivo no seu dia a dia e totalmente ligado com sua missão dentro do Mocotó, quis explorar suas origens e adversidades comparados aos outros moradores perfilados, e focar nesta questão política e social. Em todos os perfis busquei deixar as aspas longas e não corrigir gramaticalmente todas as falas, porque, são muitas falas de denúncia e registros importantes de fases e momentos da vida pessoal de cada um. E compreendendo que eu queria tentar ser ao máximo só um canal e não interferir tanto na narrativa das suas próprias vivências, decidi permanecer com seus relatos de forma mais crua.

Por fim, o livro é repleto de poesias. Desde os pontos de preto-velho até as poesias que abrem e fecham a reportagem, porque, como explicado anteriormente, tenho pés firmados nos formatos literários jornalísticos e, para mim, muitas vezes, tudo pode ser dito e explícito em verso. Depois que entrevistei a Dona Dete, entendi que a riqueza e a própria origem do nome da comunidade estavam ligados à sua história. E por ela ser ainda uma das únicas que costuma ser convidada para cozinhar o mocotó no morro para convidados e moradores, eu não poderia deixar de anotar e registrar no livro a sua própria receita. Além disso, decidi finalizar o livro com uma carta aberta para fazer um grande fechamento e agradecimento aos envolvidos e ao aprendizado obtido durante todo meu percurso de produção. Até porque ao fazer uma carta, conseguiria explorar ainda outro formato de texto, a fim de aprender e me explorar como profissional. Da mesma forma que decidi, por orientação da minha orientadora, produzir uma introdução ao livro que contasse com detalhes sobre a localidade, que explorasse um pouco dos bastidores da produção e trouxesse explicações de informações que não caberiam no decorrer do livro, numa tentativa de resguardar sua narrativa própria.

3 CONCLUSÃO

Este livro teve o intuito de ser ao mesmo tempo um trabalho de resgate histórico e produção investigativa do patrimônio cultural de Florianópolis e da região do Morro do Mocotó, como também, fazer uma provocação que, talvez, somente a escrita textual e o jornalismo literário poderiam alcançar. De criar e reconstruir uma localidade através de sua própria voz imaginária, com humanidade, ao escolher formatos textuais que dão espaço e voz legítima a esta comunidade, como faz o jornalismo literário em formato de diálogo e perfil. Porém, é com obviedade que o desejo por trás de todo este contexto foi, na verdade, devolver o microfone a quem o pertence e direcionar os holofotes a quem, há muito tempo, estava precisando falar e brilhar.

Assim, ao compreender que há um vazio na representação das vozes e dos espaços das minorias e ao estender este vazio a um silenciamento das próprias perspectivas dessas minorias, este trabalho conseguiu atravessar as barreiras do tempo e da matéria física, e reconstruir uma Nossa Senhora do Desterro e Florianópolis através do olhar de sua, talvez, maior preciosidade e a mais antiga guardiã de sua sabedoria ancestral. Pertencente às rochas do maciço do centro da cidade e sendo o berço da civilização manezinha: a comunidade do Morro do Mocotó.

Por reconhecer sua importância e riqueza para o patrimônio histórico da capital de Santa Catarina, a reportagem literária responde através de suas páginas as perguntas iniciais provocadas: é possível que o morro tenha uma voz? Se sim, como seria? O que enxergaria? O que sentiria? O que o move? O que ama e o que odeia? Como percebe os outros? Como percebe a si? Todas essas questões e tantas outras denúncias sobre o que ocorre dentro da localidade foram traçadas através dos capítulos e dos perfis de seus moradores. Obviamente, não há uma voz para o Morro do Mocotó. Não há uma senhora, uma avó, que seja a comunidade. Mas, este livro representa uma tentativa. E é a ela que esta produção se mantém. No olhar provocativo e criativo sob todas as temáticas retratadas, dos becos e caminhos íngremes da comunidade até a história de formação da cidade.

Além disso, o trabalho conseguiu levantar discussões sobre assuntos factuais que perpassam as vivências de toda a população brasileira, e alguns em especial, de moradores de comunidades periféricas. São estes: fome, gravidez na adolescência, solidão, abandono parental, drogas, tráfico, racismo, colorismo, luto, violência doméstica, dificuldade de acesso à educação, de acesso a políticas públicas e religião. Há também uma riqueza em comum por trás de todos. São estas: perseverança, fé, coragem, luta, alegria, leveza, companheirismo, coletividade e amor.

De modo geral, com imenso respeito, o livro faz uma devoção a este local e reconhece suas origens e raízes, o impacto que elas tiveram na criação e formação da capital, e a importância que possuem até hoje. Depois de tantas passagens históricas e atuais na reportagem, é visível que não há Florianópolis, muito menos Nossa Senhora do Desterro, suas belezas e seu turismo, seu desenvolvimento e sua produtividade, sem o Morro do Mocotó e seus moradores.

REFERÊNCIAS

Amarelo. Direção de Fred Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. Realização de Netflix. Intérpretes: Emicida. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. P&B.

BRAIT, Beth. **A personagem.** São Paulo. Editora Ática, 2006.

CORAÇÃO, Cláudio. **Repórter-cronista em confronto:** João Antônio na trilha de Lima Barreto. São Paulo. Editora Annablume, 2012.

DALCASTAGNE, Regina; BARRAL, Gislene. **Literatura e Cidades.** Porto Alegre. Editora Zouk, 2019.

Freenet. .Direção de Pedro Ekman. Produção de Diogo Moyses. Brasil, 2016.

GERLACH, Gilberto. **Desterro:** Ilha de Santa Catarina. TOMO II. Florianópolis. Editora: Clube do Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2015. ISBN -13 978-85619060

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano:** Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 pp.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (org.). **História diversa:** africanos e afrodescendentes na ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2021. 271 p.

O Enigma da Energia Escura. Direção de Day Rodrigues, Mariana Luiza, Emílio Domingos. Intérpretes: Emicida. Brasil: Gnt, 2021. P&B.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário.** São Paulo. Editora Contexto, 2006.

PICHETTI, Débora Zichtl Campos Mariani. **Entre o discurso médico e a percepção de si:** Narrativas da violência de gênero em ginecologia. Florianópolis, 2020.
<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/217665>>

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro:** a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. Florianópolis, 2009.
<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92552>>